

# REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

## SUMARIO

DA REDAÇÃO:				Pag.
Os fins da educação . . . . .	Pag.	1	A crise economica mundial e o problema da educação	20
COLABORAÇÃO:			O elogio ao analfabeto . . . . .	22
A importancia dos accidentes do ensino . . . . .		3	Escolas volantes . . . . .	24
TRADUÇÕES:			Campanha pratica . . . . .	26
A educação das crianças retardadas — Alice Descoedres . . . . .		7	Psico-pedagogia do bocejo — Justino de Moraes Sarmiento . . . . .	28
DAQUI E DALI:			NOTICIARIO:	
A organização escolar no Distrito Federal . . . . .		13	A organização da documentação universal . . . . .	30
			A imprensa e a vida escolar	31

# REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

## OS FINS DA EDUCAÇÃO

Desde os tempos mais remotos, a preocupação primeira dos filósofos foi estabelecer normas e códigos por onde o Estado conseguisse um povo capaz de dignificá-lo e engrandecê-lo. Que maior contribuição podemos dar à grandeza da republica do que instruir e formar a mocidade, disse Cicero? A perfeição do homem, fisica, moral e mental envolve não apenas a geração do momento, mas ainda assegura a geração de amanhã. E, mediante esse trabalho, e só por meio dele, poderemos alcançar a grandeza, a felicidade e o equilíbrio dos povos.

★

Não é outro o esforço impio da educação soviética, que compreendeu bem os termos do problema argamassando, de uma maneira sistemática, e cruel, a infelicidade de um grande povo. A escola ali se reformou de acaso com o plano claro e definido de inculcar uma nova orientação aos espiritos e novos sentimentos aos corações.

O fim principal da escola é organizar as crianças, não no sentido das linhas rétas, dos ângulos agudos e hirtos, mas dentro de suas tendências, aspirações e ideais, habilitando-as a bem discernir e apre-



ciar as cousas e os homens. Contornar, transigir e condescender, na ocasião oportuna, porque, não raro, capitular é vencer. Neste sentido é o professor, como diz Payot, um libertador, porque desembaraça as crianças das mil pesquisas que dificultam o seu desenvolvimento, dando-lhes os instrumentos para alinhar o caminho da vida, removendo-lhes os obices e obstáculos.

\*

Ninguém ignora que a grandeza e a vitória de certos povos provieram de sua organização escolar. E todo mundo conhece o exemplo classico do mestre escola prussiano.

A educação é, incontestavelmente, uma questão de segurança nacional. Os condutores de homens da atualidade atacaram o problema em cheio, procedendo á reforma da instrução nos varios países, transformando a escola em laboratorio de caracteres, preparando as gerações do futuro pelo aprimoramento e perfeição da do presente.

\*

O nosso problema fundamental reside, pois, na multiplicação das escolas bem organizadas, por todo o territorio nacional, animadas por metodos modernos, orientadas por mestres capazes de terem um ideal e applicarem todas as forças para atingi-lo.

Uma ação conjunta e ordenada em direção de um fim nitido é condição essencial do sucesso. Enquanto, porém, as condições financeiras do país

não comportarem uma expansão e uma amplitude que atendam a todas as necessidades da escola, é dever dos mestres torná-la eficiente dentro de seu meio, fazendo-a produzir tudo o que dela se pode esperar.

Trabalhando sinceramente e sem cessar, os professores conseguirão fazer de sua escola um viveiro de cidadãos, de que tanto carece o Brasil.

---

## COLABORAÇÃO

---

### A IMPORTANCIA DOS ACIDENTES DO ENSINO

*João Chagas de Miranda*

A escola ativa, preconizada pela hodierna pedagogia, encerra praticamente inumeras dificuldades que os mestres reconhecem e procuram solucionar.

E' preciso convir que, de acôrdo nas finalidades brilhantes, muitos ha que exageram os postulados da escola ativa, pondo-os em conflito com a moralidade cristã do nosso meio. Ao invés de encontrarem solução aos casos do ensino, mais se confundem nas dificuldades quotidianas, perturbando, destarte, a consciencia infantil que se plasma definitivamente na escola.

Uma dessas dificuldades, especialmente para os menos afeitos ao tirocinio atual do magisterio, consiste no *modus faciendi* do ensino, nesse *savoir faire* dos francêses, que torna o trabalho perfeitamente frutifero sem grandes esforços. Focalizou-a com muita nitidez o ilustre pedagogo Paul Bernard,

com o trabalho — “Como tornar mais interessante o nosso ensino?”

O intuito desta despretençiosa colaboração é apenas respirar alguns conceitos sobre o assunto. Os leitores farão as considerações suplementares, sob critério superior ao das sugestões, com certeza.

Muito comum é ouvir-se a expressão “centro de interesse”, particularmente na escola primária. Não se enquadra, entretanto, neste trabalho a sua explanação. Unicamente convem lembrar que o interesse central de uma lição é o tema-eixo da mesma, em torno do qual gravitarão as questões relacionadas á lição, que a ilustrem ou esclareçam.

Sendo certo que o interesse é a vida da escola ativa, impõe-se a questão “como tornar mais interessante o ensino.”

Antes de tudo, é mistér saber as razões que aconselham o interesse no ensino: dinamismo, sugestão, atmosfera propícia, agradável aos espiritos juvenis.

Salvo juízo mais acertado, parece que a questão do interesse baseia-se, em parte, nos acidentes dos fatos e das cousas.

Na verdade. Quando vestimos uma lição ou a demonstramos com acidentes apropriados, quando a apresentamos com linguagem simpatizante e sugestiva, auxiliando a sua assimilação por inflexões adequadas da voz ou pelo fluido do olhar, todo êle vontade de transmitir a centelha inflamante do conhecimento, tornámo-la mais atraente, mais interessante, mais vibratil e, por isso mesmo, mais fecunda.

Nesse trabalho dos acidentes, em que sobejam “acidentes” proprios da classe, porá o professor imaginação e alguma ficção, sem se esquecer das ilações com o assunto que se proponha ensinar. Dar-lhe-á amenidade e movimento, socorrendo-se de cousas adequadas, de experiencias, de desenhos, figu-

ras, diagramas, aparelhos, quadros, etc., de molde a preparar o espirito do aluno, — mediante o interesse empirico e progressivo, — para o interesse especulativo, isto é, o interesse proficuo e vantajoso nas diversas circunstancias da vida.

Ora, esse desdobrar de atividades por todas as circumjacencias do tema-eixo afigura-se-nos bem semelhante ao curso da moeda em um pais. A moeda será inaceitavel, por sem valor, si não se lastreia no metal precioso que a garanta. Ninguém poderá improvisar-se professor, pois que, sem conhecimentos e sem base solida, todo ensino se desvirtua e degenera.

Limitar as lições a uma serie de amenidades desarticuladas do assunto em causa na classe não é propriamente ensinar. Quando muito divertir, diz P. Bernard.

Mas, sem nos desviarmos do raciocinio iniciado, é necessario gizar a idéa dos accidentes a serem trabalhados pelo professor.

Tudo na vida se reveste de accidentes. Não poderíamos chegar a compreender um pouco as cousas e os fatos, si os despissemos dos seus predicados ou qualidades. São êles que impressionam a nossa atenção e, pela associação de idéas, nos levam a vislumbra a essencia.

Assim, si abstrairmos da idéa *mesa* os seus atributos, as suas dimensões, a sua côr, a sua fórmula, o seu uso, chegaríamos a ter a concepção, ainda que imperfeita? Essa concepção não encerra bem o conceito da essencia de *mesa*, mas, sem duvida, compreende algo dela, visto os limites da fisica receberem a atuação da metafisica.

Tudo, pois, se resume ou pode resumir-se numa questão de accidentes e essencia, e nunca chegaríamos a uma abstração, nunca atingiríamos um elemento de certeza junto aos discipulos, si cuidassemos unicamente de lhes propinar a materia despida

dos seus predicados, numa forma inteiramente teórica.

Para que as finalidades do ensino não falhem, haveremos de atuar por métodos e processos inteiramente práticos, partindo do particular para o geral, do concreto para o abstrato.

Por hipótese, cabe-nos uma lição de língua vernacula, e no preparo dos alunos nota-se deficiência de raciocínio intuitivo, não lhes sendo possível, pois, compreender perfeitamente a análise proposta. Ha de o professor recorrer a fatos e a diagramas elucidativos, para depois levar a convicção ao espirito dos discipulos. Por exemplo, trata-se da questão dos complementos-objetos, — direto e indireto — exigidos por verbo bi-transitivo. Nada mais facil explicar, buscando fatos, imagens e figuras.

Formula-se uma historia, atraindo-se assim a atenção da classe. Supõe-se uma jovem simpática que, no *dolce far niente* de um feriado, com um espelhinho á mão, a mirar-se e a remirar-se, nota o fenomeno da reflexão da luz, distribuida a distancia, em feixes, quando vê sua imagem refletida na superficie polida de um movel. Ignorante, ela dá tratos á imaginação para saber como pode acontecer tal. Seu pai lhe explica, depois, como se processa o fenomeno. Eis aí o trabalho de ficção que há de ilustrar a materia aparentemente difficil da ação dos verbos bi-transitivos e dos seus complementos. O professor, completando a historia, desenhará um esboço da refração da luz e da projeção das imagens e, então, retomará o curso da teoria em foco.

Ele tratou, pela historietta engendrada, dos accidentes afins do centro de interesse. Amenizou a classe e, por processo indireto, consegue explicar mais facilmente uma teoria que tem certo *que* de abstrato e constitue como a essencia de uma idéa.

O resultado é facil de imaginar-se: todos os alunos compreendem a explicação.

Concluimos, pelas considerações feitas, que é de uma importancia no ensino a questão dos accidentes, e nenhum professor conciente dos seus deveres deixará de trabalhar as suas lições por esses processos ativos, dinamicos, que despertam interesse.

## TRADUÇÕES

### A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS RETARDADAS

por ALICE DESCOEURES

Para os matriculandos capazes de ganhar a sua vida, fôra melhor estabelecer nas vizinhanças das cidades oficinas onde se ensinassem aos meninos, de par com a jardinagem, outros misteres faceis: fabricação de cestos de cordas, escovas, etc, com uma escola complementar para os iniciar na vida publica; ainda que êles, aos 15 ou aos 18 anos, quisessem começar a aprender, não seria muito tarde: êles se fortificariam mediante uma permanencia demorada no campo e se tornariam, portanto, mais aptos. Eis porque em muitos lugares ha a preocupação de estender ao menos até aos 18 ou aos 20 anos, para os retardados, o periodo escolar, a proteção do Estado. Um projeto neste sentido foi promulgado em Genebra, sob proposta da senhorinha Daisy Seidel, pelo Patronato dos Retardados.

A "Associação Suissa em favor dos anormais" acaba de dirigir-se ao "Comité de ação para o auxilio economico post-escolar aos enfermos e aos anormais" para que ela encontre meios praticos de favorecer a aprendizagem e a colocação de todos os que são "handicapizados" na luta pela existencia nas anomalias fisicas ou mentais. Um primeiro officio funciona em Zurich.

Como a colocação dos retardados apresenta quasi sempre, grandes difficuldades, é necessario que funcione uma *orientação professional* bem compreendida. Hanselmann deseja vêr organizar pequenas colonias de trabalho, que ofere-

cem varias possibilidades e velam sobre os meninos no momento da puberdade.

Muitos estabelecimentos desse genero funcionam na Alemanha, em Kiel, Bremen, Idsten perto de Francfort s/M., Hamburgo; cita-se a colonia de Pleichnitz, perto de Breslau, como um modelo do genero.

Na Belgica, para evitar os perigos que os retardados correm ao deixar a escola, havia-se creado, pouco antes da guerra, para as meninas, *ateliers* de costura, dirigidas por uma patrão escolhida especial e que anexou o novo organismo a uma casa existente. Esta fórmula simples e racional permitia chegar aos melhores resultados, sem despesas excessivas. A patrão é subsidiada pela obra, e as aprendizes percebem um salario equivalente ao trabalho que executam. Assim adquirirão muito depressa as noções essenciaes do seu officio sem se exporem aos inconvenientes da aprendizagem habitual, e permanecerão no estabelecimento tanto tempo até quando necessario para que estejam nas condições de encontrar trabalho normal e regular num atelier ordinario. Uma comissão de senhoras patrões velará sobre as aprendizas. Promovia-se, para os meninos, a organização de outras officinas: encadernação etc.

Quanto aos candidatos débeis, ser-lhe-iam necessarias *colonias de trabalho* no campo, um asilo em que possam permanecer, occupar-se tão utilmente quanto lhes permite o seu estado, sempre cercados dos cuidados e da simpatia desejada; a pratica demonstrou mais uma vez que estabelecimentos desse genero são o complemento indispensavel de um asilo de anormais.

Uma colonia bem interessante é a de Gheel (provincia de Antuerpia); ha seculos a população desta aldeia hospitaliza cerca de 2.500 anormais alienados, sob vigilancia medica; essa colocação familiar apresenta a vantagem de poder o doente participar do trabalho da fazenda evitando o contato com muitos doentes. — Mencionemos ainda na Belgica um estabelecimento que não raro se occupa dos anormais: é o estabelecimento central de observação de Moll (muito perto de Gheel), destinado a menores tutelados da Belgica, colocado sob a direção de um homem de ciencia e de coração, o sr. M. Romroy. Para bem observar os meninos enviados pelos juizes, ele procura dar-lhes o maximo de liberdade compativel com o seu estado mental e moral, afim de lhes deparar ocasião de manifestarem o que são, o que pensam, o que podem, e achar, para cada um, primeiro, o melhor método pedagogico, depois, á sua saída, a colocação

mais adequada. Entre esses menores tutelados muitos se revelam como irregulares de inteligencia (1).

Mencionemos tambem como estabelecimento para crianças abandonadas, dificeis e delinquentes, a *Maison d'Education d'Eschenbourg*, perto de Vienna. Todos os que querem dirigir um asilo com um espirito novo poderão ali haurir sugestões e inspiração. O instituto foi fundado em 1885, mas foi em 1921-1922 que se resolveu abandonar os velhos sistemas pedagogicos para permitir que cada mestre seguisse a propria inspiração; depois, pouco a pouco, se adotou para todos o que havia sido feito de melhor; pediu-se a cada mestre que se desenvolvesse na linha a que o levavam as suas apidiões e, assim, se conseguiram especialistas para as diferentes fórmulas do ensino. Compreende-se quantas dificuldades houve que vencer para se passar do regime do constrangimento, em uso até á guerra, ao sistema liberal, e isso através das dificuldades enormes do após-guerra, numa cidade arruinada materialmente e moralmente. Houve mistér, para realizar esse milagre, a vigilancia, o espirito de sacrificio, a inteligencia do diretor, o sr. Heeger e a dedicação de seus colaboradores. Atualmente, os grandes alunos, os que deram provas de boa vontade, comem e dormem sem vigilancia alguma; assim eles fazem, até no proprio internato, a aprendizagem da liberdade. Os alunos e antigos alunos são organizados em club que publica uma revistazinha "*Rund und das Leben*" (Em torno da Vida), cujo numero de fevereiro contém um bellissimo trecho de um ex-jovem delincente: "Salmo do Trabalho".

Na Suissa, uma colonia de trabalhos para adultos foi anexada ao Asilo para débeis de espirito, de Ettoy.

Em Basilea, onde o patronato dos antigos alunos é igualmente muito bem organizado, são os mestres, principalmente, que deles se encarregam: dão-se-lhes, com effeito, cada semana, algumas horas disponiveis tiradas do tempo da classe. Para dar uma occupação a seus pupilos o "Ouvroir bâlois de tissage" (Webestube) estreou-se em 1917 fazendo trabalhar duas meninas numa fabrica de tecidos; a obra cresceu de ano para ano; hoje ella occupa mais de 160 crianças, débeis mentais, imbecis, surdos-mudos, estropiados etc.; durante os seus doze primeiros anos, distribuiu nada menos de 666.000 francos de salario a seus pupilos. Em

(1) Ver o interessantissimo e sugestivo estudo do dr. Ronvoy: *L'observation pédagogique des enfants de Justice (Extr. da Pratique de l'Enfance)*. Bruxelles, Soc. coop. 1921. — Ver tambem nosso artigo: "L'Établissement Central d'Observation de Moll" (*Educateur*, 17 setembro 1921).

1923, ela se pôs em correspondência, por intermédio da Câmara das Tutelas, com o "Home bâlois pour jeunes gens en danger moral".

Na tecelagem, como na jardinagem e nas diferentes oficinas de serraria, marcenaria, sapataria, são os meninos difíceis, mais inteligentes, que se encarregam das tarefas que ultrapassam o alcance intelectual dos débeis de espirito. Oficinas anexas no campo recebem os alunos cuja saúde exige que deixem a cidade.

Zurich também compreendeu que os sacrifícios feitos em prol das crianças retardadas são uma excelente iniciativa.

Aquela cidade tem ha dezeseis anos uma escola de trabalho, em Sihlfeld, onde os retardados passam pela jardinagem e por diversas oficinas, de sorte que, por ocasião de saírem da escola, já são orientados para o trabalho em que se saem melhor e que melhor convem á sua sua índole. De um inquerito feito pela Frauenschule de Zurich (Zur Frage der Berneswahl und des Berufschicksals von Geistesgeschwachen, soz. Frauenschule Zurich, 1927) von Maja Freudweiler, resulta que, si o numero de aprendizagens iniciadas pelos alunos desta escola de trabalho é sensivelmente o mesmo que os dos outros alunos de classes especiais, ou os dos de um internato, em compensação, o numero dos que terminam a sua aprendizagem é duas vezes maior entre os ex-alunos da escola de trabalho. Ora, ao passo que, na classe especial, ordinaria, o programa comporta 22 horas de teoria e 10 horas de trabalhos manuais, a escola de trabalho não comporta menos de 18 horas de occupaões manuais, para o mesmo numero de horas totais.

O sr. Wanderli, o mestre da classe de trabalho para retardados, verificou que um artifice não se queixa ordinariamente nem do nível intelectual, nem da insufficiencia dos conhecimentos escolares do seu pupilo, mas sempre da sua falta de jeito para manejar os utensilios. O sr. Wanderli coloca o trabalho de jardinagem acima de qualquer outro, pelo que houve o desejo de fazer com que dêle também se aproveitassem as meninas.

Zurich também organizou um tear de tecelagem, uma oficina de tricotagem mecanica e uma fabrica de escovas. Uma "comunidade de trabalho para rapazes que ganham apenas metade para sua subsistencia" foi fundada em 1926 (ver *Pro Juventude, Zurich, fev. 1929*).

Em Genebra funciona desde 1918 uma sociedade de patronagem dos antigos alunos das classes especiais.

Na Alemanha, pede-se igualmente aos mestres que considerem a assistencia de seus alunos como fazendo parte de sua tarefa, ao lado da sua instrução e da sua educação; abona-se-lhes para esse fim especial uma indenização que varia entre 50 e 450 marcos.

## E. RENDIMENTO SOCIAL

Todas essas considerações — afinal devidas aos praticos e tiradas da experiencia de mestres inteiramente dotados a esta causa — precisam ser reveladas por alguns dados concretos.

Que se tornam efetivamente os alunos saídos das classes especiais? Em 1914, por ocasião da Exposição nacional de Berna, o sr. U. Graf, mestre especial em Basiléa, fez um inquerito acerca da sorte de dous milhares de alunos saídos das classes especiais de Basiléa, a partir de 1888.

Em 1.126 *meninos* 58,5% são capazes de ganhar completamente a sua vida; 29% são capazes de ganhar, em parte, a sua vida; 11,5% são incapazes de ganhar a sua vida.

Binet fez, em menor escala, alguns inqueritos nesse dominio; publicou-lhes os resultados, com o dr. Simon, num livro intitulado *Les Enfants anormaux*. Ele expõe com sua clareza ordinaria e com rigoroso espirito científico as condições do problema. Ele pede que se estude com precisão:

- a) o rendimento escolar ou pedagogico, estabelecendo:
  - 1.º) o estado de instrução e de saúde dos matriculandos na sua entrada para a escola;
  - 2.º) o seu estado de instrução e de saúde á saída da escola, o que permite estabelecer o que êles devem á escola (Binet pede que a avaliação dos progressos seja feita pelos proprios professores que conhecem bem cada criança e poderão inteirar-se das suas mudanças; o inspetor controlará essas apreciações);

3.º) as despesas de regresso para cada aluno.

b) o rendimento social, indagando qual o numero das crianças que chegam a bastar-se a si proprias — por quanto tempo se bastam; até que ponto são elas nisto ajudadas pelas aquisições da escola; que certos metodos favorecem mais do que outros um melhor rendimento social.

E' estabelecendo de maneira rigorosa quantos anormais são providos de uma profissão quando saem das classes especiais, quantos anormais são providos de uma profissão quando não saem das classes especiais, que nos capacita-

remos de maneira científica, precisa, do valor dos esforços despendidos em prol dos anormais.

Binet cita o resultado de dous ou tres inqueritos feitos com o intuito de estudar o rendimento do ensino especial.

Ele proprio realizou o primeiro na Salpêtrière, numa classe admiravelmente dirigida por uma pessoa de escol, a sra. Mensy: em 117 meninas saídas da escola, no espaço de 4 anos, 17 % estão melhoradas; 17 % são casos duvidosos; 51 % são transferidas para asilos de alienados; 15 % morreram.

"A conclusão resultante desses algarismos, diz Binet, é que se poderia ter sabido antecipadamente, na maioria dos casos, os alunos para os quais a educação representava uma perda inútil de esforços, porque nenhuma das crianças que lograram adquirir uma profissão não atingira os degraus mais baixos da deficiência intellectual". — De um inquerito mais recente (1922) feito pelos srs. dr. Roubinovich e Debray, resulta que, dentre 1.136 ex-alunos de classes de aperfeiçoamento, 871, ou seja 16,7 % ganhavam a sua vida completamente; 112, ou seja 10 %, a ganhavam, mas incompletamente; 153, ou seja 13,4 %, permaneciam incapazes de ganhá-la.

Efetivamente esta questão do rendimento é essencial e deve pesar na balança, mas não se pode perguntar si, para sua vida em sua familia ou em asilos, os anormais, mesmo incapazes, não retiram algum fruto de sua permanencia na classe especial: a independencia relativa, que devem, em parte, aos habitos adquiridos na escola, deverá ser considerada quantidade desprezível?

Deve-se á Sociedade dos Mestres retardados alemães (Deutscher Hilfsschulverband) um inquerito extenso concernente a mais de 40.000 crianças que deixaram as classes especiais, de 1918 a 1925 (exatamente 24,044 G. e 16,919 F.).

Eram capazes de ganhar toda ou parte de sua vida:

G. 21,825 = 90,77 %

F. 15,785 = 93,29 %

Eis como se repartem as suas occupações:

*Meninos*: commercio: 23 % (deixo de lado as decimais); industria, 39 %; agricultura, 17 %; funcionarios, 2 %; outras, 19 %.

*Meninas*: profissões aprendidas, 6 %; industria, 23 %; agricultura, 7 %; funcionarios, 1 %; em serviço, 28 %; serviços domesticos em casa paterna, 29 %; outras, 6 %.

Hanscimann, que cita essa estatística, pergunta a si mesmo si os meninos ficam em seus postos, si mudaram muitas vezes de profissão; emfim, em que medida ganham eles a vida. De acordo com inqueritos anteriores feitos na Alemanha pela sra. Fuster e pelo sr. de Gizycki, não seriam mais de 75 % de crianças, aproximadamente, que seriam capazes de ganhar a sua vida, ao passo que 25 a 30 % são devolvidas ás suas familias, entram para o asilo ou morrem.

E' quasi a mesma a proporção estabelecida por um inquerito feito em pequenissima escala, pelo dr. Decroly, em 20 meninas saídas das classes especiais da cidade de Bruxelas.

Em Francfort Sjm (1), onde existe uma sociedade de patronagem ha 30 anos, averigua-se que os ex-alunos das classes especiais não comparecem diante dos tribunais de menores senão em proporção muito menos forte que as outras diminuidas da intelligencia, que deixaram as classes normais depois do III ou do IV ano. E' licito, com toda a verosimilhança, attribuir esse resultado á vigilancia de que os anormais foram objeto.

Em um notabilissimo estudo (2), Goddard, comparando o rendimento social dos anormais, o seu nivel mental, medido pelos tests de Binet-Simon, estabeleceu uma engenhosa classificação, que reproduzimos em quadro.

(1) *Ach Jahre Arbeit an Schullern Hilfspflichtern* (Hilfsschule, jan. 1914).

(2) H. Goddard — *Feeble Mindedness*.

## DAQUI E DALI

### A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR NO DISTRITO FEDERAL

Entrevista á Imprensa

O dr. Anísio Teixeira, diretor geral da Instrução Pública, convidou alguns jornalistas cariocas para uma reunião ontem, á tarde, na Biblioteca Central da Educação, afim de lhes fornecer, em entrevista coletiva, os dados refe-



rentes a alguns pontos de maior interesse para o publico, sobre a atual organização escolar.

*Em rápida e clara exposição, declarou o dr. Anísio Teixeira que só agora podem começar a ser vistos os resultados de um longo trabalho em que se vem empenhando o magisterio, e as comissões a que estão entregues varios assuntos, resultados que permitirão melhor funcionamento escolar, melhor aproveitamento do aluno e maior eficiencia da educação.*

*Anteriormente, disse o diretor da Instrução, os 28 distritos escolares, com os seus inspetores, eram outras tantas incognitas a decifrar, no problema administrativo, porque faltavam informações detalhadas que permitissem um estudo rápido e exato de cada caso. Hoje a diretoria possui plantas de escolas e de salas de aula, numero de salas aproveitáveis, dados sobre o material, numero de alunos e fichas respectivas, etc. Com esses dados concretos é que foi possível organizar um plano geral: um plano, portanto nosso, carioca, adaptado ás nossas condições, atendendo as nossas necessidades: enfim, alguma coisa real, objetiva e a mais adequada possível.*

*Depois de discorrer sobre os pontos mais importantes da entrevista fornecida, o dr. Anísio Teixeira respondeu cordialmente a varias consultas que lhe foram feitas pelos jornalistas presentes, agradecendo porfim o concurso que podem dar á obra da educação, pela inteligente divulgação de medidas que unicamente visam aumentar a eficiencia da ação escolar, e elevar o nivel da educação popular no Brasil.*

*Das interessantes declarações feitas pelo diretor de Instrução Municipal e ontem divulgadas pela imprensa vespertina, destacamos os seguintes trechos de maior importancia:*

*"A criança matriculada, exatamente para ser mais especialmente atendida, deverá ir para a escola e a classe que o Serviço de Promoção e Classificação determinar.*

*Em resumo, trata-se de dar á criança: melhores oportunidades para receber educação e instrução adaptada ás suas condições individuais; e ao professor: melhores oportunidades de trabalho, por isso que o problema da classe se simplifica pela aproximada semelhança dos alunos que a constituem.*

*A Diretoria de Instrução está aparelhada para realizar este sensível melhoramento de nossas escolas.*

*Torna-se, porém, indispensavel a cooperação dos pais afim de não crearem dificuldades ás necessarias transferen-*

*cias dos alunos de uma escola para outra. As transferencias, constituídos como se acham os centros de matrícula, nunca serão para escolas distantes, mas sempre para escolas proximas das que mereceram sua escolha.*

*E isto porque, dadas as condições já conhecidas dos predios escolares, não é possível, em escolas pequenas, fazer a classificação diferenciada dos alunos. Daí, agruparem-se duas, tres ou quatro, em um unico centro de matrícula, onde os alunos serão devidamente classificados e distribuídos.*

*Estamos certos de que a população do Rio de Janeiro compreenderá o esforço da Diretoria de Instrução para melhor atender as necessidades das crianças que buscamos, em suas escolas, os elementos fundamentais da sua educação".*

*"O programa de classificação que estamos preparando para 1933 encontrará, por certo, resistencia. Afim de suavizá-la, os planos serão publicados antecipadamente e discutidos e justificados com o maior rigor de pormenores. Só as escolas de mais de mil alunos poderão conter todo o programa de classes previsto. As pequenas, em vista de sua capacidade, terão de reduzir as suas oportunidades a determinado tipo de classes, constituindo, com outras escolas da vizinhança, a unidade correspondente ás grandes escolas".*

*Para facilitar a distribuição dos alunos, a Diretoria Geral estudou a possibilidade de organizar os centros de matrícula, com as escolas de grande proximidade, entre si, para que, então, se possam obedecer ás condições outras, de idade e inteligencia e capacidade escolar geral, que devem determinar a matrícula em uma ou outra classe, ou em uma ou outra escola.*

*Todo o esforço será o de tornar o ensino mais eficiente, embora continue a ser ministrado em classes de 40 alunos.*

#### O SERVIÇO DE "TEST"

*No ano passado, além dos tests de inteligencia, applicados para distribuição dos alunos mais capazes (Terman), foram applicados para fins de experiencias os tests de escolaridade já organizados pelo Serviço de Tests e Escalas e, por fim, feitos os exames de todos os alunos, por meio de tests, em dezembro proximo passado.*

*Nunca será demais repetir que todo esse serviço não vai substituir ou diminuir a dependencia, em que o exito do ensino se acha, do professor e da sua atuação na classe. O professor é o realizador maior da obra educacional. Uma boa classificação e distribuição melhor dos alunos nada*

mais visa que tornar integralmente possível a tarefa do mestre, difficilima nas condições presentes do sistema escolar, pela falta quasi absoluta de estudos e informações sobre os seus alunos.

### MODIFICAÇÕES EM VISTA

Em resumo, serão as seguintes as modificações a serem continuadas ou iniciadas, no corrente ano de 1933:

1 — Divisão do período escolar em dois estagios:

- a) o primeiro de tres anos;
- b) o intermediario de dois anos.

2 — Distribuição das classes de gráu primario, nos termos da classificação alvitrada nas instruções já publicadas.

3 — Distribuição das classes de gráu intermediario por criterios equivalentes aos do primario.

4 — Constituição de classes especiais para os alunos muito retardados em idade escolar.

5 — Regime de promoções flexivel e adaptado aos alunos e tipos de classe.

Conta-se com essas medidas obter:

I — Aumento das capacidades das escolas primarias para cerca de 8.000 crianças a mais.

II — Progressiva gradação do sistema escolar, com atenção ás diferenças individuais dos alunos.

III — Menor repetição de anos, proveniente da pequena capacidade dos alunos ou da fricção de elementos muito diversos na mesma classe.

IV — Melhores oportunidades educativas oferecidas aos diferentes tipos de alunos.

V — Aumento da eficiencia do ensino pela gradação dos programas e homogeneidade das classes.

VI — Retenção do aluno através do período escolar na medida de sua capacidade, sem repetições e com o maximo proveito individual.

VII — Melhoria, com elevação de nivel, do ensino de gráu intermediario (4.º e 5.º anos).

VIII — Organização, para os alunos muito retardados em idade, de cursos compatíveis com o seu desenvolvimento fisico e condições sociais, evitando que os mesmos se prejudiquem e prejudiquem o sistema escolar em geral.

### INSTRUÇÕES PARA A MATRICULA NAS ESCOLAS PRIMARIAS

#### Primeira Parte

1 — A Diretoria Geral de Instrução Publica determinará para cada escola o numero de turmas de 40 alunos a matricular, bem como a classificação dos alunos para essas turmas.

2 — A classificação obedecerá, em cada ano escolar, aos seguintes tipos:

Classe A — com predominancia de alunos em idade cronologica normal ou atrasada de menos de um ano e aproveitamento avançado, normal ou pouco abaixo do normal;

Classe B — Com predominancia de alunos em idade cronologica atrasada de mais de um ano e de menos de dois anos e aproveitamento normal ou pouco abaixo do normal;

Classe C — Com predominancia de alunos em idade cronologica atrasada de mais de dois anos e de menos de tres anos e aproveitamento abaixo do normal; ou de alunos com aproveitamento abaixo do normal, independente da idade cronologica;

Classe D — Com predominancia de alunos em idade cronologica atrasada de tres ou mais anos, independente do nivel de aproveitamento;

Classe EB — Repetentes pela primeira vez;

Classe FC — Repetentes pela segunda vez;

Classe GC — Repetentes pela terceira vez;

Classe HD — Repetentes pela quarta ou mais vezes.

3 — Fica entendido que a distribuição dos alunos se fará dentro desses oito tipos de classes, tendo em vista o numero de alunos e a variedade dos mesmos.

4 — O Serviço de Testes Escalas enviará as fichas de promoção já classificadas, tanto quanto possível, dentro dos tipos acima indicados.

5 — Os alunos novos matriculados no 1.º ano serão classificados de acôrdo com os resultados dos testes de intelligencia a se fazerem e as respectivas idades cronologicas, nos termos dos tipos acima indicados.

6 — A idade normal para os diferentes anos escolares será a seguinte:

1.º ano — 6 1/2 a 8.

2.º ano — mais de 8 a 9.

3.º ano — mais de 9 a 10.

4.º ano — mais de 10 a 11.

5.º ano — mais de 11 a 12 anos.

*Segunda parte*

1.º — A matrícula nas escolas primarias, a iniciar-se em 6 de março corrente, será feita nas escolas que funcionarem como — “centros de matrícula” — relacionadas no quadro abaixo.

2.º — A matrícula se efetuará mediante apresentação pelos pais ou responsáveis pelas crianças a matricular, da respectiva certidão de idade, que deverá ser exibida dentro de trinta dias, no maximo, e receber o visto do encarregado da matrícula.

3.º — Os diretores e os professores das escolas se reunirão para esse fim nas escolas indicadas para “centros de matrícula”.

4.º — A matrícula se efetuará pelo registro no “mapa geral”, especialmente destinado a esse centro de matrícula, ficando dispensada a inscrição no livro de matrícula.

5.º — Os diretores das escolas providenciarão no sentido de destacar, para cada uma das escolas onde não se efetue a matrícula, uma professora encarregada de encaminhar os pais ou responsáveis ás escolas centros de matrícula.

6.º — “Só serão recebidos novos alunos para o 1.º ano escolar”.

7.º — Para os demais anos, ou para o primeiro ano (repentes), sómente serão recebidos os alunos que tiverem matrícula efetiva, em 1932, nas escolas correspondentes a cada “centro de matrícula”.

8.º — Os diretores das escolas levarão para os centros de matrícula as respectivas folhas de registro, afim de se proceder á verificação da matrícula no ano anterior.

9.º — Os casos de transferencias, por mudança de residencia, só serão atendidos depois da matrícula total, e, mediante guia de transferencia expedida pelo diretor da escola em que se achavam matriculados em 1932, os alunos que solicitarem transferencia.

10 — Feita a inscrição total da matrícula, “até ao dia 8”, de acôrdo com a capacidade das escolas, os diretores distribuirão os alunos pelas escolas e pelas classes no dia 10, “obedecendo á classificação constante das “fichas de promoção”, enviadas aos respectivos centros de matrícula por intermedio das inspetorias escolares” e preenchendo os respectivos cartões de matrícula.

11 — No dia 11, os diretores entregarão aos alunos o cartão de matrícula, com a indicação da escola, ano e classe a que vão pertencer.

12 — Nas respectivas escolas serão preenchidas as fichas de matrícula, que constituirão o registro definitivo da matrícula de cada escola.

13 — Durante o mês de março, os diretores das escolas providenciarão sobre o preenchimento da ficha de classe, que compreenderá os elementos da ficha de matrícula, da ficha de promoção e do exame físico e mental, quando existirem.

14 — Os novos alunos admitidos para o 1.º ano e os alunos antigos não promovidos serão submetidos, ainda, nos centros de matrícula, a exames mentais e escolar, nos dias 13 e 14, para depois serem devidamente classificados e distribuidos pelas escolas, no dia 15.

15 — No dia 17 terão início as aulas, sendo obrigatória para o aluno a apresentação do *cartão de matrícula*.

16 — Os srs. inspetores escolares, a quem compete a fiscalização geral da matrícula e do cumprimento destas instruções, deverão comparecer diariamente á séde da Inspeção e aos centros de matrícula, sempre que possível, para resolver todas as duvidas que se apresentarem, de acôrdo com o Serviço de Matrícula e Frequência da Diretoria Geral de Instrução Publica.

17 — O mapa geral da matrícula, depois de aproveitado para a preparação dos cartões de matrícula, será enviado á Diretoria Geral de Instrução.

18 — A matrícula para cada *ano escolar* se fará em *folhas separadas* do mapa geral.

19 — A distribuição do trabalho obedecerá, por conseguinte, á ordem abaixo:

dia 6 — matrícula;

dia 7 — matrícula;

dia 8 — matrícula.

dias 10 e 11 — distribuição por classes e distribuição dos cartões de matrícula;

dia 13 — exame dos alunos promovíveis que não foram promovidos;

dia 14 — testes mentais dos alunos novos;

dia 15 — apuração e classificação;

dia 17 — início das aulas (todas as classes).

Distrito Federal, 3 de março de 1933. — (a.) — *Anísio Spinola Teixeira*, diretor geral.

## A CRISE ECONOMICA MUNDIAL E O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO

(Comunicado da Diretoria Geral de Informações, Estatística de Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Pública).

O aspecto financeiro do problema educacional preocupa o mundo contemporâneo em face da grande crise que está impondo, em toda parte, uma política de economia rigorosa e a estagnação das fontes de despesa, mesmo com sacrifício dos importantes objetivos cuja realização elas devem proporcionar.

O Bureau Internacional de Educação abre, para apurar a repercussão do fenômeno econômico nas atividades em prol da formação intelectual e moral das gerações vindouras, um inquerito exaustivo, com o qual pretende aferir os defeitos das restrições orçamentárias na situação do ensino nas diversas nações.

Os americanos do norte, de acordo com a praxe, tradicional no país, de buscar a solução de todas as questões que interessam a coletividade pela colaboração do próprio povo através dos seus órgãos mais representativos, resolveu fixar a política a seguir na crise do ensino, por meio de uma conferência que o próprio chefe do Estado convocou e cuja presidência foi conferida ao secretário do Interior. O certamen foi organizado mediante o esforço conjugado do Conselho Americano de Educação, da Federação das Repartições Americanas de Agricultura, da Federação Americana do Trabalho, da Federação Nacional de Indústrias e da Granja Nacional. Fizeram-se representar na reunião 38 Estados, e tomaram parte nos respectivos trabalhos onze "leaders" trabalhistas, dezesseis "leaders" da lavoura, seis do comércio e indústria, quatro especialistas em finanças, e orçamentos, dois economistas, dois juristas, seis "leaders" de organizações cívicas, dez reitores e professores de Universidades, dez superintendentes do ensino estadual ou municipal e outras figuras representativas do ensino, dois altos funcionários do governo e mais seis cidadãos de várias profissões, interessados nos assuntos a serem debatidos.

A constituição da conferência revela a solicitude de todas as classes sociais no problema da instrução e, ao mesmo tempo, a autoridade dos votos que forem emitidos como resultado das deliberações.

Inaugurando os trabalhos, o Presidente da República pronunciou incisiva alocução, na qual acentuou a responsabilidade da nação em face do dever de encaminhar, segundo o verdadeiro rumo, a educação da criança americana e declarou enfaticamente que, a despeito de todas as dificuldades econômicas, sociais e administrativas, cumpre cuidar, no momento, de formar os cidadãos futuros, não adiando as providências em favor da instrução dos jovens, as únicas que não podem ser procrastinadas. "Estamos na contingência de decidir", insistiu o presidente, "sobre o mérito relativo das várias despesas, mas, não obstante os rígidos critérios econômicos que somos forçados a aplicar em todas as fontes de gastos, não devemos tocar nas escolas ou reduzir a oportunidade da criança, no que concerne ao desenvolvimento, pelo educandário, dos predicados adequados ao bom exercício da cidadania futura. A segurança da República depende primordialmente da educação da mocidade, e as despesas para esse fim devem prevalecer sobre todas as demais, constituindo um dever indeclinável tanto para o povo em geral como para os governos locais". Acima de tudo", concluiu o supremo magistrado da grande república saxônica, "desejo que inspireis as vossas deliberações no conceito de que o cuidado e o cultivo de nossas crianças constitui a mais relevante de todas as atividades exercidas pelo governo americano".

A "Conferência sobre a crise da educação" realizou-se nos dias 5 e 6 de janeiro do corrente ano e encerrou-se proclamando as bases da política educacional a ser observada no país.

Entre os postulados dessa declaração, que vale por uma profissão de fé, figuram algumas afirmações gerais dignas de especial registro:

"A educação é uma necessidade e não um luxo, desde que o desenvolvimento da criança não pode ser sustado enquanto durar a emergência econômica".

"O serviço educacional deve, portanto, ser anteposto a todos os demais, na distribuição dos recursos dos Estados durante a fase da depressão".

"Cada Estado deve assumir, nos limites de suas possibilidades financeiras, a responsabilidade de prover a uma educação pública adequada em todas as suas comunidades locais, quaisquer que sejam, quanto a estas, as condições financeiras".

"Apelamos para os corpos legislativos no sentido de darem preferência a uma legislação que vise aliviar as con-

dições do ensino nas comunidades onde atualmente os programas escolares sofrem restrições em virtude de encargos anormais, sistemas injustos de tributação ou aparelhamento fiscal defeituoso".

"Apelamos para o Congresso afim de prover ao auxílio federal, por meio de empréstimos de emergência a prazo limitado em benefício dos Estados que provarem a impossibilidade de manter no nível razoável a educação nas escolas públicas".

Eis ahi, pois, sem duvida, fatos e conceitos dignos de um cuidadoso exame por parte dos nossos dirigentes e de quantos tenham qualquer parcela de responsabilidade da orientação das atividades educacionais brasileiras.

## O ELOGIO AO ANALFABETO

*O que disse o sr. Humberto de Campos, na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres*

Na reunião da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, o escritor Humberto de Campos assim fez o elogio ao analfabeto:

"Uma das nossas superstições nacionais é a suposição de que todos os nossos males, no Brasil, provêm do analfabetismo. O conceito de Victor Hugo, consubstanciado na frase "abrir escolas é fechar cadeias", desdobrou-se entre nós, em outro mais largo, segundo o qual a felicidade do homem está, inteira, na carta de A. B. C. Eu proprio, quando vivia mais do ensinamento alheio do que da observação propria, fui partidario dessa tese, a qual se universalizou tanto que já temos, hoje, um Ministerio da Educação.

Alguns momentos de reflexão e de analyse levarão, todavia, o homem ponderado a conclusões precisamente contrarias. Certa vez, em palestra com o illustre professor João Ribeiro, êle, que já enviou ás escolas superiores alguns milhares de discipulos, enunciou o seu pensamento recondito.

— O analfabeto não fez ao Brasil, até hoje, nenhum mal. Todas as nossas desgraças, isto é, toda a nossa desorganização politica, não é obra do homem do povo, na sua ignorancia; mas do bacharel, do homem diplomado, dos que fazem as leis e dos que as fazem cumprir, isto é, da "élite" letrada, á qual tem estado entregues os destinos nacionais.

E acrescentava:

— Póde-se dizer, mesmo, que o que ha de melhor no país é obra dos analfabetos: a lavoura, a criação do gado, a pesca, os trabalhos brutos e manuaes, de cujo produto vivem parasitariamente as classes cultas, isto é, os doutores em direito e em medicina, e os demais portadores de diplomas, entre os quais a politica do nosso tempo vai buscar os congressistas e os funcionarios.

Partindo dessa mesma ordem de considerações, poude o sr. conde Affonso Celso concluir, anos depois:

— Os analfabetos não são tão inúteis, como se supõe; pelo menos foram êles que inventaram o alfabeto.

"Se a França inteira fosse tão esclarecida como Paris — escrevia Edmond de Goucourt antes da guerra de 70, — nós seríamos um povo ingovernavel; pois que, em substancia, todo o governo que diminue o numero dos iletrados trabalha para a sua propria queda".

E em outra passagem:

"A instrução destrói a raça dos trabalhadores do campo, e, por consequencia, a agricultura".

E em outra, ainda:

"No dia em que todos os homens souberem ler e todas as mulheres souberem tocar piano, o mundo entrará em completa desorganização".

Refleta cada um sobre essas palavras, e verá a dose de verdade que elas contêm. Nucleos de trabalho rural do sertão, que produziam a farinha, o feijão e o milho, foram completamente destruidos por meia duzia de escolas primarias. Brasileiro que sabe lêr nome não péga mais no cabo da enxada: abandona a lavoura e vem para a cidade. Só permanece no roçado, ferindo o peito da terra, para que êle sangre riqueza, o analfabeto, aquêle que não teve tempo, quando menino, de frequentar a escola primaria.

E esse regimen não é fatalidade exclusiva do nosso tempo. Leia-se em Maspero a historia da civilização egipcia, e ver-se-á que, no seculo XIV, antes de Christo, já os nobres, a gente de condição, se queixava da concorrência que lhe faziam os filhos dos camponeses e operarios que aprendiam a lêr e que se tornavam escribas. O alfabeto, fazendo surgir um parasita, matava uma energia fecunda.

Contava o historiador João Brigido que, certa vez, nas suas viagens pelo sertão cearense, encontrou um fazendeiro, dono de grande fortuna em terra e gados, cuja filha não conhecia, siquer, o abecedario. Censurado por um amigo, o velho objetou:

— Ora, homem, para que filho de rico saber lêr? Ela não precisa. Deixa isso p'ra pobre . . .

Felizmente já se vai compreendendo no Brasil que é preciso menos de indivíduos doutos do que de homens que produzam, ou façam a terra produzir. Quem planta alfabeto não apanha feijão. E é isso que tem levado, parece, o governo a conceder exames por decreto e a estabelecer, agora, a promoção por média, ou frequência, abrindo a caçula a quantos não podiam passar.

Se, depois disso, cada pai não levar o seu filho para a lavoura, é que este é, mesmo, um país irremediavelmente perdido".

## ESCOLAS VOLANTES

Já se aludio, com simpatia, a uma das patrióticas iniciativas da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres: a sugestão para serem creadas, em todo o país, bibliotecas volantes, excellentes aparelhos de cultura que contribuiriam para ativar a campanha pratica em favor da instrução popular. Quando nos pronunciámos favoravelmente ao alvitre, sem fazermos propriamente restrições que a beleza da idéa não comporta, advertimos que não deveriamos esquecer uma necessidade mais imperiosa: a alfabetização. As bibliotecas aperfeiçoam a instrução por serem de muito prestimo para as pessoas que já tenham passado por uma escola. Para o analfabeto qualquer biblioteca seria um luxo, ou, quando muito, um estímulo, a falar-lhe do dever que tem todo o individuo de se instruir. A escola é, por outro lado, a primeira porta que se abre aos que desejam espancar as trevas da ignorancia.

As bibliotecas volantes viriam, incontestavelmente, intensificar a cultura do povo, pela difusão de conhecimentos que não constituem apenas um ornamento do espirito, mas, principalmente, contribuições para o patrimonio da intelligencia. A idéa de escolas volantes, como a de bibliotecas desse carater, não é uma novidade. Em varios países ela se traduziu em fato, concorrendo notavelmente para reduzir a percentagem dos analfabetos. No Brasil mesmo já se tem ensaiado o sistema, embora sem o exito que era para de-sejar. Numa cruzada séria contra o analfabetismo as escolas volantes prestariam assinalados serviços, tendo-se em vista a configuração geografica do nosso país e as alterna-

tivas da capacidade economica da maioria dos Estados, aos quais corre a obrigação de manter escolas de ensino primario. De uma simples observação, sob esse aspecto, resulta a convicção de que, se o ensino de primeiras letras, ministrado pelos Estados, é falho, de uma deficiencia deploravel, não obstante a boa vontade de algumas administrações regionais, a instrução rural é de uma precariedade alarmante.

Em mais de dois terços deste grande país, podemos escrever sem exagero de expressão, não existem escolas rurais proporcionalmente á massa das crianças em idade de aprender. Constroem-se belos grupos escolares nas cidades, modernizam-se as primitivas escolas isoladas, cogita-se muito de adaptar, com assimilações em regra defeituosas, compendios e metodos escolares de importação, sem que paralelamente se cuide de criar escolas de penetração, como as qualificou, com muito acerto, um técnico do ultimo Congresso de Educação. As zonas rurais do país têm permanecido em esquecimento, e sómente agora se inicia uma campanha pratica em favor da escola sertaneja, sob cujo tétó possam receber a luz centenares, quicá milhares de crianças condenadas á cegueira do analfabetismo.

Para atenuar essa triste situação que não condiz com as realizações de uma democracia rica de ideais e de promessas, serviriam, como sistema de emergencia, transitorio mas indiscutivelmente de grande e immediato prestimo, as escolas volantes. O mestre, como um caixeiro viajante da instrução popular, atravessaria campos e matas, estacionando em pontos prefixados, para melhor desempenho de sua honrosa missão de mascate do ensino. Aqui descansaria algumas semanas ou meses numa colonia talvez esquecida ou desconhecida da civilização brasileira; ali abarracaria, com alguns livros e um quadro negro, em qualquer longinquo povoado, onde não será difficil existirem eleitores, mas cujos filhos não conhecem a sedução irresistivel de uma escola; acolá, a muitas léguas da ultima cidade em que refez o seu material escolar, levantaria a sua tenda de luz á sombra de uma arvore, atraíndo crianças e adultos para o voluntariado da educação.

Houve tempo — e não nos devemos envergonhar de ter sido em pleno regimen republicano — que era ridiculo falar-se em escolas volantes e em mestres que se dispusessem a jornada por vilas, aldeias ou modestos povoados, recrutando soldados novos para o exercito da civilização. Presentemente seria ridiculo vêr-se na escola volante uma coisa inexequivel ou incompativel com o progresso nacional. O

que poderá deprimir-nos, desconceituando-nos perante as nações mais civilizadas, é a cifra que atesta o baixo nível da instrução popular. A majestade de um grupo escolar, nas cidades, impressiona agradavelmente o forasteiro, porque é um sintoma inequívoco do esforço desenvolvido em prol da educação nacional. Pessimamente impressionado ficaria o mesmo forasteiro — e isso já se tem verificado — se não encontrasse escolas pelo extenso e tão rico interior brasileiro, onde a regra geral é a ausência de qualquer coisa que se pareça por isso.

Nos Estados menos habilitados, financeiramente, a sustentar aparelhos completos e despendiosos de ensino primário, as escolas volantes seriam, preferentemente, o melhor processo para realizar-se a alfabetização das populações rurais.

(Do "Correio da Manhã")...

## CAMPANHA PRÁTICA

O Governo Provisorio, ao que os fatos deixam supor, pretende encaminhar novos planos de instrução popular, afim de apressar a solução do importante, do magno problema do analfabetismo. Destas colunas temos encorajado todas as iniciativas particulares nesse sentido, como não regateamos aplausos aos poderes publicos que mostram interesse pela campanha patriótica que esse esforço representa. Quando apareceu a Cruzada Nacional de Educação, fomos dos primeiros a elogiar esse lance de civismo, ao mesmo tempo que temos procurado animar os cidadãos que se empenham em reduzir ao mínimo a percentagem dos analfabetos no país.

E por isso mesmo que assim precedemos, somos insuspeitos para estranhar que a Cruzada haja trocado o seu campo pratico de ação, cujos beneficios e inconfundíveis resultados já se têm feito sentir, pela luta teorica e sempre infrutífera dos manifestos. Em todos os comentarios sobre a nossa precariedade, em materia de instrução popular e relativos aos processos que devem ser preferidos para sairmos do atraso secular em que permanecemos, invariavelmente temos salientado que a luta contra o analfabetismo não comporta divagações teoricas, como expressão de propaganda. O analfabetismo só poderá ser combatido dentro deste programa pratico: multiplicar escolas e proceder a um verdadeiro recrutamento infantil.

Ensino primario e mesmo profissional obrigatorio, suprelativamente accessivel, sem as dificuldades formalisticas que tornam a matricula um espantinho para os pais pobres ou incultos. A' porta de cada casa em que se instalasse uma escola, deveria estar este sugestivo apelo ao povo: "entrai e aprendei. O mestre vos espera solícito dentro desta casa". E foi exatamente de acordo com essa face da solução do problema do ensino que propugnámos a criação das escolas volantes, a par das bibliotecas volantes, lembradas na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Essa terá de ser, e não ha outra melhor, a campanha que se deve empreender contra a chaga moral do analfabetismo.

Manifestos não adiantam; as proclamações, subscritas embora por individualidades de prestigio moral, ficam esquecidas 24 horas depois. A Cruzada Nacional de Educação, em sua fase inicial, teve a prova de que é pela ação que se vencem combates dessa natureza. Os seus apelos, a sua tenacidade, o esforço quasi temerario de seus fundadores constituiram um ponto de partida magnifico, e não tardou que as associações de classes comprehendessem o valor e o alcance do prelio que tão corajosamente se iniciava. De nossa parte, exaltando a dedicação dos *leaders* de tão belo movimento, pediamos ao povo brasileiro toda a sua atenção para a significação moral e cívica dos compatriotas que diziam, com uma convicção só verificavel nos grandes surtos, em homens consagrados á realização de um ideal: "será suficiente que cada município do país nos dê uma escola." Que grandioso, que estupendo espetaculo seria esse!

Por que se ha de recuar, então, de uma ação assim pratica e energica, para o terreno teorico dos manifestos? O combate contra o analfabetismo requer o concurso de todos os brasileiros. Disso estão todos convencidos. Mas o lado pratico do problema é segredo da sua solução. A decretação do ensino primario obrigatorio é a medida de mais imediata necessidade mas não bastará expedir um decreto estabelecendo a obrigatoriedade. É indispensavel que os Estados e os municípios fiquem tambem obrigados, por lei federal, a consignar verbas para a manutenção de escolas, urbanas e rurais, correndo por conta e responsabilidade da União a fiscalização do funcionamento desses estabelecimentos e da rigorosa applicação da verba, cujo suprimimento, em parte, deverá competir ao governo federal.

Não se infere deste ponto de vista que esboçamos um programa de alfabetização pratica e rapida. Alvitramos apenas uma das mais simples e executíveis atuações, num



campo de luta onde a voz de comando deve estar em perfeita identificação com o fato a realizar.

Abram-se escolas, instalem-nas, se fôr preciso, á sombra das arvores, nos parques urbanos e nos terreiros das fazendas, seja obrigatoria a frequência, e não será impossível reduzir-se consideravelmente, dentro de poucos anos, o alarmante coeficiente do analfabetismo nacional.

(Do "Correio da Manhã").

## Psico-pedagogia do bocejo

(Ed. Claparède — "L'éducation fonctionnelle")

Todo professor ou conferencista vê no bocejo um sinal de desatenção. E' facil e comodo encará-lo assim. Quem dá aulas ou tem um auditorio guarda consigo a impressão de estar agradando de modo que um bocejo, aqui e ali, franco ou esboçado, na sala, revela um pouco caso que irrita.

O bocejo significa desatenção ou esforço para atenção? Ainda não é possível responder com segurança. Entretanto, basta a duvida para que os bocejadores mereçam complacencia.

Dos animais só bocejam os carnivoros, o macaco e o homem. Por que razão só esses? A biologia do bocejo ainda está para ser esclarecida. Até que apareça uma teoria definitiva, vamos assinalar uma hipótese sugerida, recentemente, por um fisiologista alemão — V. Dumpert. Essa hipótese a respeito do bocejo apresenta duas vantagens: coordena um certo numero de fatos e chega a conclusões de interesse para o educador.

Para se compreender o bocejo, não se deve examiná-lo como um fenomeno isolado, mas como parte de um reflexo geral, o reflexo do espreguicamento. No cão e no gato o bocejo é sempre acompanhado ou ocorre ao mesmo tempo que o espreguicamento. Nas crianças notamos o mesmo; no adulto é muito frequente a concomitancia. Dumpert verificou que, ao espreguicar-se voluntariamente, bocejava sem querer. Mas por que ha bocejo sem espreguicamento e, vice versa, espreguicamento sem bocejo? Diz Dumpert que se trata de uma dissociação adquirida. O individuo aprende a reprimir o espreguicamento, bocejando sómente. Na criança até meio ano é raro não se verifica o reflexo total: espreguicamento e bocejo. A' medida que a idade aumenta, mais frequente é

a dissociação. Admite-se que o reflexo, antes sub-cortical (automatico), passou a ser controlado pela cortex cerebral, podendo, portanto, ser reprimido pela vontade. E' fato pacifico em fisiologia normal a ação inibitoria da cortex cerebral. A respeito devemos recordar o que se dá com os hemiplegicos: — um bocejo determina extensão forçada do membro paralizado, que não está mais em relação nervosa perfeita, integra, com a cortex que se destruiu. Portanto: — afastada a ação inibitoria da cortex, reaparecem os movimentos que antes refreava.

Mas, qual a função desse reflexo total — bocejo e espreguicamento? Facilitar a circulação sanguínea no corpo, pela compressão das veias perifericas, e aspiração do sangue para o coração com a inspiração profunda. A atitude da boca e do nariz teria por fim facilitar a entrada do ar até os pulmões, favorecendo assim a hematose do sangue que aí foi ter em maior quantidade pela inspiração profunda. O bocejo só ocorre nos animais de respiração nasal pouco desenvolvida, de modo a haver necessidade do concurso da respiração bucal. Aliás, tanto para Dumpert como para Hauptmann a hematose é de menor importancia, na questão.

A hipótese de Dumpert — ativação da circulação cerebral — explica porque bocejamos antes e, sobretudo, depois do sono: para o restabelecimento da circulação cerebral, o sono sendo acompanhado de uma hiperemia passiva do cerebro. De fato, só nos sentimos realmente acordados depois de bocejarmos e espreguicarmos suficientemente. E' muito comum o bocejo na criança que acaba de nascer. Não será uma luta, em esboço, contra o sono de meses? Mas por que razão bocejamos antes do sono, quando estamos com sono? Nota, acertadamente, Dumpert que, nessas circunstancias, bocejamos enquanto estivermos impedidos de dormir. Desde que nos entregamos ao sono, não bocejamos mais. Fica, pois, evidente que bocejamos enquanto lutamos contra o sono: o bocejo é uma luta contra o sono. Eis o ponto pratico e pedagogico da questão.

Admitindo-se justas, como parecem, as considerações anteriores, o bocejo não significa desatenção, mas, pelo contrario, é um sinal de atenção. E' uma luta contra a insuficiencia de irrigação sanguínea do cerebro — uma luta contra a desatenção. Daí o grande interesse que o assunto deve despertar no educador.

Portanto:

1) o bocejo é um ato reflexo, quasi involuntario, sobretudo nas crianças. A criança deve ser educada para "cortir-



calizar" o fenomeno, isto é, poder sujeitá-lo a sua vontade;

2) uma criança que boceja não está, necessariamente, desatenta.

DumPERT declara que muitos professores afirmaram que os alunos mais inteligentes são os que mais bocejam na classe.

Para muita gente parecerão absurdas tais conclusões. Sobretudo essa ultima — maior inteligencia, mais bocejos...

Resumindo, sob o ponto de vista psico-pedagogico, procura-se saber o seguinte, em relação ao bocejo:

1) é um sinal de fadiga real ou de cansaço?

2) exprime preguiça ou boa vontade?

3) denota estupidez ou inteligencia, durante o trabalho ou a lição?

4) é função do individuo ou da especie de trabalho? Isto é, são sempre os mesmos alunos que bocejam ou são sempre certas lições que fazem bocejar todos os alunos?

JUSTINO DE MORAIS SARMENTO.

(Da "Gazeta Commercial", de Juiz de Fora).

## NOTICIARIO

### A organização da documentação universal

(Comunicado da Diretoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação do Ministerio da Educação e Saúde Publica).

Tres relevantes medidas, cujos beneficios resultados já se fazem sentir, foram em boa hora tomadas pelo Ministerio da Educação e Saúde Publica, visando direta ou indiretamente a coordenação sistemática da documentação nacional:

a) da instituição do Serviço Nacional de Intercambio Bibliografico, criado em virtude do Dec. n. 20.529, de 16 de outubro de 1931, que prevê a instalação de depósitos da bibliografia oficial

brasileira no pais e no estrangeiro;

b) que se refere á compilação do Anuario de Legislação e Administração Municipal (Aviso n. 6/240, de 10 de outubro de 1932);

c) finalmente, a relativa á integração do Sistema Nacional de Bibliotecas, Arquivos e Museus Publicos, promovida pelo Aviso n. 300, de 22 de dezembro ultimo.

Procura desse modo o Governo Federal focalizar a necessidade de um sistema em virtude do qual se processe, com regularidade, a coordenação de valiosissimos elementos de estudo, contribuindo ao mesmo tempo para que um pouco

de ordem se estabeleça no imenso caos da documentação brasileira, ainda hoje ignorada e esparsa.

Como bem salienta o Presidente da "União Francesa dos Organismos de Documentação" no relatório cuja leitura deu ensejo ao presente comentário, publicado pelo Instituto Internacional de Cooperação Intelectual no seu Boletim de Novembro de 1932, sob o título: "Organização Mundial da Documentação Universal" — "o problema da organização da documentação é, no domínio da organização do trabalho intelectual, um dos mais importantes".

Organizadas, a principio, visando a coordenação da documentação por especialidade, acham-se hoje as diversas repartições documentarias subordinadas, em muitos países, a um organismo unico, centralizador, que lhes comunica o movimento de mutua cooperação, coordena as atividades, levanta o inventario, promove suas relações com os agrupamentos estrangeiros, prevê a edição do repertorio das fontes de documentação e se desdobra, enfim, em uma serie de medidas, todas relevantes, cuja enumeração seria fastidiosa.

Ocorre a este proposito citar: na França, a "U. F. O. D." (União Francesa dos Organismos de Documentação), fundada em 1931; a "Association of especial libraries and information bureaus" ou simplesmente "Aslib" da Inglaterra, fundada em 1924 pelo representantes de centros de documentação os mais diversos; e a "U. B. O. D." (União belga

dos organismos de documentação).

Movimento semelhante se verifica ultimamente na Alemanha; e também na America do Norte, por iniciativa da União Pan Americana, já se criou a Associação inter-americana da Bibliografia, cujo fim é a organização e a coordenação das atividades bibliograficas dos diferentes países das duas Americas.

A União Pan Americana, devera, aliás, constituir, em virtude do Decreto n. 20.529, um dos depósitos da bibliografia oficial brasileira previstos expressamente naquele ato do Governo Provisorio.

Por toda parte se procura assim o aproveitamento inteligente e eficiente do cabedal documentario, especial ou geral, com uma preciosissima economia de tempo e de esforços para os estudiosos e pesquisadores.

Esse movimento nacional já não satisfaz, entretanto, á humanidade ciosa de conhecimento e avara do tempo em que a sua atividade se possa normalmente desenvolver. E a idéa da organização de um vasto organismo documentario universal que englobe todas as repartições de documentação existentes no mundo inteiro já se acha lançada.

Esperemos que entre nós as pedras basilares já assentadas venham ainda a sustentar o edificio futuro da nossa organização documentaria, e que o Brasil possa contribuir também, um dia, para a realização completa dessa finalidade mais alta, a da constituição do "Organismo Mundial de Documentação Universal".

### A imprensa e a vida escolar

(Comunicado da Diretoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação do Ministerio da Educação e Saúde Publica).

As grandes realizações que acceleram o ritmo do progresso social tem, como condição precípua para que frutifiquem em re-

sultados estaveis, a preparação previa do meio a que se applicam, sem a qual nunca passarão de tentativas condenadas ao fracasso, com o efeito contraproducente de desmoralizar idéas muitas vezes felizes, inspiradas em razões de interesse publico evidente.

Onde falham as condições de receptividade na massa do povo, relativamente ás inovações edificantes a orientar para melhores rumos a evolução das comunidades civilizadas, os programas de aperfeiçoamento, por melhores que sejam as intenções dos seus autores, não logram vencer as barreiras levantadas pela indiferença, apatia e mesmo aversão das populações mal instruidas e afezadas á rotina. As proprias leis progressistas resultam inoperantes pela falta de apoio da opinião coletiva e, quanto mais adiantadas no seu pensamento, tanto menos efficientes se revelam pela falta da cooperação publica, falta sempre emergente da incompreensão generalizada dos altos desgnios do legislador.

Na democracia brasileira os ideais das classes cultas dirigentes concretizaram-se na estruturação do aparelho politico e administrativo em termos de perfeição e complexidade que não correspondem ao nivel cultural da parte mais consideravel da população, sendo esta a causa notoria do mau funcionamento das instituições politicas e do clamor da minoria intelectual em favor de uma campanha nacional em prol do desenvolvimento, em todas as direções, da educação publica.

Si examinarmos, por exemplo, a nossa legislação do ensino, verificamos que se inspira, a partir dos primórdios da ultima década, nos mais avançados processos da pedagogia e da politica educacional, o que não impede de nos mantermos, quanto á realidade dos resultados auferidos pelos sistemas em vigor na Republica,

numa situação sem duvida precaria, como no-lo demonstram as estatísticas. Possuimos, ao menos no papel, o aparelhamento moderno que nos habilitaria a obter os mais uteis rendimentos si o pudessemos impulsionar convenientemente, dispondo, para tanto, do que é indispensavel nesse genero de realizações — a colaboração entusiastica e integral não só do povo como dos proprios individuos responsaveis, em alguns setores, pela implementação do complicado mecanismo da organização educacional. A fiscalização rigorosa prescrita nos regulamentos deixa, entretanto, a desejar, manifestando-se tanto mais falha quanto mais honorifica, em certas zonas onde os serviços de inspecção se acham confiados a agentes que servem mediante parca ou nenhuma remuneração. As instituições auxiliares da escola não empolgam a população, interessando apenas limitados grupos de responsaveis pela classe discente. O recrutamento do professorado para as escolas isoladas do *hinterland* transforma-se em problema angustioso, por exigir abnegações. Por outro lado, os pais õham com displicencia as escolas, ás quaes enviam os filhos sem outro objetivo que uma sumaria alfabetização no primeiro e no segundo anno do curso fundamental.

Tudo isso indica não se encontrar a população da maior parte do país ao par da relevancia da educação, do que ela deve ser na sua compreensão e nos seus me-todos. O perfeito conhecimento do assunto despertaria entusiasmos e integraria a nação nos propósitos das administrações regionaes e federaes. A campanha educacional, por toda parte, devotados obreiros que agiriam com ardor para prestigi-la, dentro e fora das esferas officiaes.

Para conseguir esse desideratum urge preparar a conciencia nacional por meio da publicidade, não

de simples afirmações sobre a relevancia da instrução no desenvolvimento da nacionalidade, mas de informações positivas sobre a vida escolar tal como se processa no país e no estrangeiro, de modo a sugerir, ou patentear, pelo conhecimento do problema, o que já tem sido feito e o que ainda é preciso fazer, as perspectivas alcançaveis e as falhas a corrigir para a nossa util progressão na esteira dos povos mais avançados em materia de ensino.

A imprensa é o mais poderoso instrumento de transformação da mentalidade predominante no país, colimando a modificação da atitude do povo em face da questão educacional. Numerosos são os nossos diarios que já consagram á vida escolar um dilatado espaço em suas columnas, orientação que devia imitar a imprensa official do interior, que já tem feição noticiosa, dedicando aos aspectos do ensino no Brasil e alhures um noticiário instrutivo e uma escolhida colaboração doutrinaria. A circulação obrigatoria das folhas officiaes na numerosa classe do funcionalismo muito concorreria para habilitar uma parte da população com a exata conciencia da extensão e complexidade do esforço a desenvolver em prol da formação intelectual da juventude, e, desse conhecimento, resultaria um progressivo incremento das hostes que militam pela boa causa. Todos os brasileiros que sabem ler deviam ser, na fase actual da nossa civilização, educadores e mais ainda evangelizadores empenhados com ardor no serviço da educação nacional. E é esse o pensamento que parece haver inspirado o governo de Minas-Gerais ao consagrar no orgão official do Estado uma ampla secção aos assuntos educacionais, proporcionando assim aos assinantes daquelle diario uma variada e utilissima leitura. Identica deveria ser a attitude das

## REVISTA DO ENSINO

## REDAÇÃO:

Director: Inspector Geral da Instrução.  
Redatores: Membros do Corpo Técnico da Secretaria da Educação.

## EXPEDIENTE:

A "Revista do Ensino" publica-se quinzenalmente.

## ASSIGNATURAS:

Annual	263000.
Semestral	131500.
Numero avulso	1\$300

Toda correspondencia destinada á "Revista do Ensino" deve ser enviada á sua redação

Inspeçtoria Geral da Instrução  
Secretaria da Educação  
Belo-Horizonte

Faf-Publicidade — Está autorizada a receber annuncios para a Rev. do Ensino

demaes folhas officiaes do mesmo tipo, as quaes dessa fórma concorreriam para a preparação de uma mentalidade propicia á applicação dos sistemas adiantados que as nossas leis aperfeccionadas sancionam e não podem tornar efelivos, o que justifica a suspeita, no fundo improcedente, da insinceridade do legislador. A distancia entre a mentalidade dos dirigentes e o nivel da cultura geral da população adulta explica o impasse que só poderá ser contornado pela propaganda edificante que gera, mantém e consolida o progresso, congregando os votos e as energias concientes de toda a comunidade em torno dos grandes ideais. E um deles, talvez o maior no momento que atravessa a nossa publicia, é o da formação da nossa juventude, desde que, como salientou o insigne sabio patriota "No Brasil só ha um problema: a educação do povo".